

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (CCHS)
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA**

**A ROTINA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
NARRATIVAS A PARTIR DAS VIVÊNCIAS ESCOLARES**

LUIZA BEATRIZ PORFIRIO GAMA

RIO DE JANEIRO

2016

A ROTINA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
NARRATIVAS A PARTIR DAS VIVÊNCIAS ESCOLARES

LUIZA BEATRIZ PORFIRIO GAMA

Trabalho de Conclusão de Curso feito para a certificação da
Licenciatura em Pedagogia na Escola de Educação da
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Marcio da Costa Berbat (Orientador)

Departamento de Didática – Escola de Educação

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Novembro

2016

A ROTINA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
NARRATIVAS A PARTIR DAS VIVÊNCIAS ESCOLARES

LUIZA BEATRIZ PORFIRIO GAMA

Avaliada por:

Data: ____/____/____

Adrienne Ogeda Guedes
Departamento de Didática – Escola de Educação
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

“Na ausência do outro, o homem não se constrói homem”.

Lev Vygotsky

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a meus pais por todo o apoio, por todos os conselhos e, principalmente, por todo o amor dado a mim. Sem vocês nada disso seria possível de ser realizado. Espero poder, um dia, ser para os meus filhos o que vocês foram e são para mim. Amo vocês com todo o meu coração.

Em seguida, direciono meu agradecimento para minha família. Família é à base de tudo e nosso primeiro contato com a sociedade. A minha, mesmo não sendo a mais sublime de todas, fez com que eu aprendesse desde muito cedo o valor que uma família constrói e traz para nossas vidas. Para a família Porfirio e para a família Gama, o meu agradecimento eterno.

Para os familiares que não estão mais presentes fisicamente, e sim guardados na memória e no coração: tio, vó e vô, como eu queria que estivessem presentes nesse momento tão especial da minha vida. Amo tanto vocês. Sei que, de onde estiverem, estão felizes e torcendo por mim. Obrigada por toda a felicidade que me deram ainda em vida.

Ao grupo de amigos “Galere”: obrigada por estarem sempre ao meu lado. Cada um, com seu jeito de ser, contribuíram para que eu me tornasse uma pessoa melhor. Tenho certeza de que são os melhores amigos que eu poderia ter e não trocaria vocês por nada nesse mundo. Meu amor eterno a vocês.

E, por último, e não menos importante, as meninas do “Firme e Forte, se Deus Quiser”: foram cinco anos de caminhada juntas; cinco anos de alegrias e tristezas, angústias, erros e acertos. Enfim, meninas, estamos nos formando. Sei o quanto deve ser difícil lidar com uma pessoa que se irrita facilmente, mas vocês tiraram de letra. Sem vocês, essa caminhada não seria possível. Fez o meu dia a dia universitário muito mais agradável. Amo vocês, de coração.

Aos mestres que fizeram parte da minha formação acadêmica e pessoal: obrigada. Contribuíram para que eu me tornasse um ser ativo e pensante na sociedade. Fizeram com que eu me apaixonasse cada vez mais pela Pedagogia e desconstruíram ideias e construíram conceitos que levarei para a vida. Sempre serei grata e lembrar-me-ei de vocês.

A professora Adrienne Ogêda Guedes por ter aceitado, generosamente, ler e avaliar este trabalho.

Ao meu professor, orientador da monografia e orientador da bolsa de monitoria, Márcio da Costa Berbat: minha imensa gratidão. Obrigada por ser meu mestre, por me fazer pensar além e acreditar que sou capaz. Agradeço, também, pela grande paciência ao me orientar nesse grande e importantíssimo trabalho. A jornada acadêmica foi mais prazerosa com a sua participação.

A todas as forças divinas: obrigada pela proteção.

LUIZA BEATRIZ PORFIRIO GAMA. A ROTINA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: NARRATIVAS A PARTIR DAS VIVÊNCIAS ESCOLARES, 2016, 33 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

RESUMO

O presente trabalho abordará minhas experiências vividas e os aprendizados que obtive enquanto professora assistente em uma escola particular na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Narrado por mim, este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo demonstrar o quão importante é a experiência, seja ela qual for, no sentido de crescimento tanto profissional quanto pessoal. Aqui, falarei sobre um pouco do que coloquei em prática enquanto estudante e professora; minhas observações diante de alunos de uma escola considerada, por mim, tradicional. Dentre outros assuntos citados, o quão construtivo é poder vivenciar, experimentar e aprender no universo infantil.

Palavras-chave: Experiência, Observações, Escola, Vivenciar.

ÍNDICE DE SIGLAS

EF – Ensino Fundamental

EI – Educação Infantil

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

Resumo	07
Introdução	10
I - O primeiro contato com a escola e com os pais	12
II - A turma do quarto ano	14
III - A turma do segundo ano	17
IV - A relação com o espaço escolar e a sala de aula	22
V – Experiência e aprendizado pessoal	25
Considerações Finais	29
Referências Bibliográficas	31
Anexo A	33

INTRODUÇÃO

Ao ingressar na Universidade, confesso que não compreendia exatamente o que englobava o universo da Licenciatura em Pedagogia, desde sua definição até seus estudos; sabia somente o básico: poderia ser professora. Antes de ser aceita nessa faculdade, pensei em cursar Psicologia, porém não foi possível.

Assim, com a vaga de Pedagogia garantida na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), resolvi arriscar. Minha vida de universitária começou no primeiro semestre do ano de 2012 e tudo era novidade, como sempre ocorre com a primeira vivência e experiência de alguém. Passei pelo trote, apresentação dos professores, novas amizades. A partir de então, fui descobrindo, aos poucos, que o fato de estudar para me tornar professora era algo que fazia parte do meu mundo. Minha mãe é professora do município do Rio de Janeiro e desde pequena frequentei as escolas que ela trabalhou, sempre que ela trazia provas/trabalhos para casa, me oferecia em ajudá-la no que fosse possível. E eu adorava corrigi-los! Tinha a enorme sensação de que, naquele momento, eu era a “professora Luiza” e estava corrigindo os trabalhos/provas dos meus alunos.

Os anos foram passando e eu gostava cada vez mais de ajudar a minha mãe, mas nunca havia pensado no fato de tornar aquela “brincadeira” em realidade. “Professor não é bem reconhecido, tem o salário baixo e condições de trabalho muito ruins”, eu ouvi diversas vezes. Porém, toda essa “brincadeira” se manteve adormecida dentro de mim durante a adolescência e despertou no momento em que precisei fazer a escolha de qual carreira seguir durante a vida. Feita a escolha, passei a me dedicar à Pedagogia.

Aos poucos, através de muitas pesquisas, estudos e debates durante as aulas percebendo que além do método tradicional de ensino, talvez o mais utilizado até hoje, existem também outros meios de compartilhar conhecimento. Meios esses que são mais prazerosos, que incitam o pensamento crítico da criança e faz com que ela cresça a partir de suas observações e liberdade de aprendizado; que as crianças se constituem como sujeitos a partir de suas vivências e experiências com a sociedade na qual estão inseridas; que o professor não é o único a ensinar dentro de sala de aula: ele também está ali para aprender.

Pensa-se muito sobre a educação a partir da teoria/prática. Devemos começar a pensá-la a partir da experiência e com verdadeiro sentido. O que é a educação? Qual a

educação que devemos oferecer às crianças? A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Hoje em dia, as crianças recebem estímulos de diversos lugares e ao mesmo tempo. Elas devem, sim, ser estimuladas, mas na hora certa e no momento certo. Devem vivenciar cada momento da infância e terem prazer nas experiências vividas. Precisam de momentos ociosos para que consigam imaginar e criar. A meu ver, as crianças, atualmente, se encontram mais atarefadas do que o normal, o que faz com que elas estejam mais cansadas e, por consequência, são prejudicadas no momento do aprendizado por não conseguirem se concentrar.

Esse trabalho tem por finalidade apresentar o quão importante é vivenciarmos as experiências. O sujeito da experiência se define por sua passividade, disponibilidade, abertura, etc. É um sujeito que se permite vivenciar coisas novas. A experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião e por falta de tempo. Todos os acontecimentos ocorrem de forma rápida, dando lugar a novos acontecimentos e, dessa forma, não conseguimos “digerir” direito o que nos aconteceu antes. Muitas pessoas opinam sobre tudo, a toda hora; aqueles que não têm opinião própria podem ser “levados” por aqueles que têm e, desse jeito, acabam não tendo suas próprias experiências pessoais. Portanto, é essencial que possamos vivenciar tudo o que queremos, sem sermos levados pela opinião do outro. A experiência é parte da vida. Somente experimentando aprendemos a viver.

Sendo assim, o trabalho está dividido em cinco capítulos, sendo o primeiro sobre o contato com a escola e os pais; o segundo sobre o conhecer a turma do quarto e o terceiro capítulo sobre a turma do segundo ano. O quarto capítulo no conhecer os espaços escolas e a própria sala de aula, no sentido de compreender a função na minha maneira de ver e praticar a escola. O quinto capítulo trata das experiências do ponto de vista pessoal, ou seja, do ver a prática pedagógica na minha atividade docente.

I – O primeiro contato com a escola e com os pais

Meu primeiro contato com a escola em que atualmente trabalho ocorreu por meio do envio de currículo no final de 2014 para uma vaga de trabalho na Educação Infantil ou no Ensino Fundamental I, no ano de 2015. Assim como enviei para essa escola, enviei para muitas outras, pois meu estágio na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro havia acabado, após dois anos, e precisava continuar a trabalhar. Precisava do emprego, pois acredito que ajudaria na construção de muitas coisas, dentre elas: contato com a minha futura profissão e início de uma independência financeira.

Pouco tempo depois do envio, a escola entrou em contato comigo e perguntou se eu tinha interesse pela vaga de professora assistente do Ensino Fundamental I. Disse que sim e logo marcaram para que eu fosse até a escola para a entrevista. Já na escola, a coordenadora explicou o que uma professora assistente deveria fazer, falou sobre o salário, horas de trabalho, etc. Para concorrer à vaga, precisei fazer prova de Matemática e Redação para a escola analisar e concluir se eu estava apta ou não para ser uma funcionária. Realizei a prova e fui aprovada.

O primeiro dia de trabalho se assemelha (e muito!) ao primeiro dia de aula na escola: nervosismo, ansiedade, pessoas novas, alguns pensamentos negativos, outros positivos, adaptação a um novo ambiente, etc. No primeiro dia não houve aula e sim uma reunião com todos os professores para dar as boas vindas ao ano letivo de 2015. Antes da reunião, um grande café da manhã como recepção para todos. Já no auditório, a equipe da direção pediu para que os novos professores se apresentassem, para que houvesse reconhecimento de todos. Na reunião, assuntos básicos sobre o novo ano que se iniciava foram tratados.

Após isso, os professores regentes do Ensino Fundamental I deveriam subir com suas professoras assistentes para suas respectivas salas para dar início aos preparativos da primeira semana. Foi-me dito, primeiramente, que eu ficaria com a turma de 5º ano; porém, devido a mudanças, fui transferida para a turma de 4º ano.

Quem me acolheu desde o primeiro momento em que cheguei à escola foi à professora Bannet, com quem trabalhei no 4º ano. Antes mesmo de saber que trabalharíamos juntas, Bannet me deu as boas vindas, disse que eu adoraria a escola e que lá

se trabalhava muito. Bannet é professora antiga da casa e muito experiente. Antes de trabalhar lá, havia trabalhado em uma escola montessoriana. Após conversarmos muito, iniciamos à arrumação da sala: colocamos todos os livros nos armários, arrumamos as carteiras enfileiramente (uma escola tipicamente tradicional), organizamos o mural, material a ser utilizada na primeira semana, pauta da reunião de pais, lista para checar os materiais trazidos pelos responsáveis, etc. Tudo arrumado para o dia seguinte: a reunião de pais.

Sendo assim, no dia seguinte, os pais chegavam aos poucos para a reunião com nós, professoras. Eu, que nunca havia trabalhado como professora assistente estava ansiosa, pois era o primeiro contato com os pais da turma. Bannet, a professora regente, administrou toda a reunião, explicando passo a passo como seria o ano de 2015 para a turma do 4º ano. E eu fiquei responsável pela verificação dos materiais trazidos pelos pais.

Foi uma manhã tranquila, no qual o primeiro contato com os pais foi de extrema importância para que pudéssemos nos conhecer e, ao longo do ano, trabalhássemos juntos na missão de educar. Acho importantíssima a primeira reunião de pais; entendo que alguns tenham que trabalhar e nem sempre possam comparecer a todas, porém a que inicia o ano tem sempre um peso a mais, pois é o momento em que pais e professores se conhecem, o que é essencial para o desempenho da criança tanto em casa quanto na sala de aula, pois família e escola devem caminhar juntas em prol do desenvolvimento do aluno, tanto em casa quanto em sala de aula.

II – A turma do quarto ano

Minha experiência com a turma do quarto ano iniciou-se em Fevereiro de 2015. Além das expectativas (que eram as melhores), o que tomava conta de mim naquele momento era também uma responsabilidade que nunca havia tido antes. A partir daquele dia, tive a certeza de que a minha jornada como docente se iniciava e o rumo que a minha carreira estaria tomando eu descobriria aos poucos, nos detalhes e acontecimentos do dia a dia. Daquele dia em diante, estava disposta não só a ensinar, mas também a aprender, pois as crianças têm muito que ensinar a nós, adultos; elas nos surpreendem com suas respostas e indagações, pois muitos acham que elas não são capazes de construir pensamentos críticos, de indagar o mundo a sua volta, de perceberem a sociedade em que vivem e darem soluções para um mundo em que convivamos de maneira mais harmoniosa, etc.

Com o passar do tempo, impressionou-me a capacidade que eles têm de tirarem suas próprias conclusões a partir de suas vivências e percepções. É incrível a facilidade que eles têm de arrumarem soluções para situações que achamos impossíveis de serem solucionadas. É notório que os momentos vividos no dia a dia, a construção do “eu” a partir da vida em sociedade fazem com que eles tirem suas próprias conclusões a respeito da vida. Para Larrosa tem sentido:

E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas, sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece (LARROSA, 2002, p. 21).

A partir da fala de Larrosa, podemos dar início ao que conhecemos por “aprendizado mecânico”. Esse aprendizado se constitui a partir do momento em que a criança, como aluno (a), apenas reproduz o que é feito pelo professor no quadro. Como exemplo, posso citar as cópias das respostas dos exercícios. Por diversas vezes notei que muitas crianças esperavam a professora colocar a resposta na lousa para que pudessem copiar e não pensarem por si só e, caso respondessem errado, de perceberem a diferença entre a própria resposta e a da professora, comparar e questionar o porquê do erro e consertá-lo. Algumas crianças nem leem o enunciado da questão e nem sabe o que está sendo pedido ali. A falta de autonomia das crianças do quarto ano, que tem entre 9/10

anos, me preocupou um pouco.

Acredito que a cada idade que atingimos, nosso nível de maturidade e autonomia aumentam. Os anos iniciais mostram as maiores responsabilidades do dia a dia e como devemos lidar com elas; por exemplo, responsabilidade com o próprio material, autonomia com os deveres, construção do próprio pensamento e opinião, etc.

Cada criança tem a sua dificuldade e isso é fato. Não podemos compará-las. O que é de fácil compreensão para um, pode ser de difícil para outro. Portanto, na hora em que nós, professores, formos ensinar algum conteúdo, devemos pensar na turma não como uma homogeneidade, e sim como uma heterogeneidade. Ao abordarmos algum assunto, devemos levar em conta o capital cultural de cada um, o acesso que cada um tem às informações, o que faz parte e o que não faz parte de seu dia a dia, etc. Coletar os dados de vida de cada aluno é essencial para conhecê-los melhor e para que a interação em sala seja a mais favorável possível para todos.

Quando não levamos em conta o que a criança traz de casa para a sala, quando não demos a ela a chance de demonstrar a sua visão de mundo perante a sociedade em que vive, estamos transmitindo a ela uma ideia de negação, uma ideia de que o que ela pensa não é o correto ou que não vale a pena ser compartilhado e isso, algumas vezes, pode gerar um sentimento de inferioridade ou incapacidade. Devemos sempre ouvi-las e demonstrar atenção ao que está sendo dito: é necessário o contato visual e transmitir a sensação de que está sendo compreendida.

Na turma de quarto ano, havia duas professoras em sala: a professora regente (Banett) e a professora assistente (eu). Banett tinha como função reger a turma: ensinar os conteúdos, passar e explicar os trabalhos, corrigir os testes e provas, etc. Eu, como professora assistente, auxiliava em sala: dava visto nas agendas, tirava dúvidas quando era necessário, acompanhava a turma nas aulas extras, corrigia os cadernos e, se preciso fosse, na ausência de Banett, me tornava a professora regente.

Acredito que, ao mesmo tempo em que duas professoras em sala podem ser de grande auxílio, em outro podem impedir o desenvolvimento da autonomia do aluno. As crianças, observando que têm em sala duas professoras a disposição, podem pensar que tudo será mais simples e que não terão tantas responsabilidades. Ao passar do tempo, isso foi mudando na turma 41. Antes, o que era lido pelas professoras passou a não ser lido: as

crianças deveriam ler e interpretar por conta própria; a organização dos deveres de casa e de aula em dias de falta começou a ser de responsabilidade do próprio aluno e não mais das professoras.

Esses e muitos outros casos fizeram com que as crianças desenvolvessem, aos poucos, um pequeno progresso em relação à autonomia e independência. Desde procurar seu próprio livro/caderno no armário até a organização do próprio material. Dar autonomia a elas é essencial para a construção da confiança e de um sujeito independente, capaz de realizar tarefas sozinhas, solicitando ajuda somente no que for preciso.

As crianças, que hoje estão no quinto ano, ainda demonstram muito carinho por mim. Ainda me chamam de “tia Lu” e sempre que me encontram pela escola fazem questão de me abraçar, dar beijos e dizer o quanto gostam de mim e sentem minha falta. Para mim, o importante é o carinho que fica e o jeito como marcamos a vida de cada um nessa fase tão importante da vida, que é a fase escolar.

III – A turma do segundo ano

Passado um ano de experiência no colégio, me deparei com um novo desafio: no ano letivo de 2016 eu seria professora assistente de uma turma de segundo ano. Com essa notícia, vieram também algumas mudanças: faixa etária menor, mais responsabilidade em relação às crianças, novos aprendizados e, principalmente, mais uma experiência para o currículo e para a vida.

Durante a reunião de pais, eu e a professora regente da turma (Sandra) deixamos os responsáveis a par do que seria feito ao longo do ano. Claramente muitas coisas que apresentamos nessa primeira reunião poderiam mudar com o decorrer do tempo. Percebi que alguns pais estavam inseguros com a passagem de seus filhos do primeiro ano para o segundo ano. Muitas mudanças estavam por vir, pois a escola adotou um novo material a ser utilizado: substituiu os livros didáticos pela apostila da Plataforma Eleva, que é uma plataforma de ensino utilizada por diversas escolas. Portanto, na primeira reunião, demos ênfase a esse novo material que seria utilizado, além de outros assuntos importantes para o momento.

Assim sendo, eis que o primeiro dia de aula chegou. Os alunos e alunas, alguns pequeninos, outros já maiores, desfilavam com suas mochilas e merendeiras novas. É uma turma em que a maioria dos alunos já se conhece, pois estão juntos desde a Educação Infantil; portanto, há um laço de amizade e conhecimento entre eles. Abraços, beijos, conversas sobre como foram as férias, etc. Eu e Sandra demos as boas vindas e nos apresentamos. Conversamos com a turma sobre o que era estar, naquele momento, na turma do segundo ano. Dissemos a eles que foi uma fase de transição, de mudança. Recém-saídos do primeiro ano (que, na escola, é coordenado pela Educação Infantil), agora começariam a ter mais noção de responsabilidade em relação a tudo: material, deveres de casa, deveres de aula, organização, etc.

A primeira semana de aula costuma ser mais tranquila, sem deveres. É uma semana de adaptação e interação. Adaptação tanto para os alunos antigos quanto para os novos, pois ambos compartilham de uma nova fase, de interação, pois é o momento no qual os que acabaram de chegar à escola conhecem os que lá já estavam e, assim, haja um convívio entre eles. Eu e Sandra, pensando em como poderíamos enturmar as crianças, pedimos para

que os alunos antigos pudessem apresentar a escola para os alunos novos no momento do recreio. Particularmente, foi uma excelente troca! Além do que lhes foi proposto, isso também foi um pontapé inicial para a amizade escolar, algo que deve ser preservado para o resto da vida. Eles conversaram, se apresentaram, contaram sobre as férias, brincaram juntos... Foi uma agradável semana.

Pausa para o Carnaval. Na volta, os alunos que não compareceram à primeira semana, apareceram. Mais um novo momento de adaptação; porém, dessa vez, demos início à utilização do novo material didático. Era um novo desafio, tanto para os alunos e alunas quanto para nós, professoras, pois nunca havíamos utilizado um material daquele. Acredito que o início de toda adaptação seja difícil, e conosco não foi diferente. Aos poucos, percebemos que não era o material apropriado para crianças na faixa etária de 7- 8 anos.

A apostila, material didático que utilizamos em sala (além do caderno), é mais compatível com o segmento do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Tivemos dificuldade, de início, para lidar com esse instrumento de estudo. As crianças ficavam facilmente cansadas, pois havia dias em que faziam muitas páginas seguidas da mesma matéria para adiantá-la ou, então, estudavam mais de uma matéria por dia, sempre realizando os exercícios da apostila. Fora as páginas deixadas em branco, pois, muitas vezes, a professora precisava apagar as respostas que estavam no quadro para colocar outras. É algo esgotante e cansativo para crianças de 7-8 anos. Com isso, se distraíam facilmente com outras coisas, pediam para ir ao banheiro, beber água, iam até a mesa do amigo... um momento de fuga para que aquelas tarefas terminassem logo.

Com o passar dos meses, as crianças foram se adaptando. Ainda é cansativo, tanto para eles que realizam os exercícios quanto para nós, professoras, que precisamos corrigi-los. Além da apostila, os exercícios são fixados no caderno e através do TD (tarefa domiciliar) de Matemática e Português. O que mais me incomoda nesse novo material didático adotado pela escola é que os exercícios são extremamente repetitivos e alguns conteúdos são desnecessários. As apostilas (são quatro ao longo do ano, com três módulos de cada matéria) de História e Geografia, por exemplo, abordaram conteúdos muito similares, tornando confuso no momento de estudar, enquanto poderiam inserir algum conteúdo mais importante e necessário.

Para José Pacheco, criador e idealizador da Escola da Ponte, em Portugal, “O teste é o instrumento de avaliação mais falível que existe. (...) esses instrumentos de avaliação apenas “provam” a capacidade de acumulação cognitiva, de armazenamento de informação em memória de curto prazo, para debitar no exame esquecer”.

As crianças do segundo ano realizam, primeiramente, os testes, seguidos das provas. Os testes são como se fossem uma “preparação” para a prova, que é maior e engloba um pouco mais de conteúdo. Pude notar que alguns alunos sentem prazer em fazer os exercícios, prazer esse talvez sentido por terem compreendido a matéria e até mesmo por gostarem; em contrapartida, outros não têm estímulo para fazer os deveres, talvez por estarem exaustos ou por simplesmente não terem entendido o conteúdo, gerando a sensação momentânea de incapacidade, de que ele ou ela não é capaz de assimilar certo assunto da primeira vez que foi explicado.

O fato é que, em parte, concordo com José Pacheco. Durante grande parte da minha vida escolar, apenas me preocupava em decorar o conteúdo para que pudesse fazer as provas e, não muito tempo depois, tudo se apagava da minha memória. Alguns alunos entendem de imediato; outros necessitam de mais tempo para que o conteúdo seja fixado e compreendido; e outros, infelizmente, chegam a nem entender o que foi estudado. As crianças não aprendem tudo do mesmo jeito: cada uma possui seu jeito de compreender, assimilar e questionar.

Cada criança tem o seu tempo esperado de aprendizado. Quando aplicamos uma prova, espera-se que todos tenham o mesmo nível de apreensão do conteúdo, cada um do seu jeito; entretanto, nem sempre é o que ocorre, por diversos fatores. Ou, ocorre uma situação muito comum entre os estudantes no momento da avaliação: sabe-se o conteúdo, mas no momento de realizar a prova, tudo foge à cabeça, como se nada tivesse sido aprendido e estudado. Isso talvez seja a consequência de precisar decorar o conteúdo, e não compreendê-lo a partir da explicação do professor e, no caso do estudante, tirar a sua própria conclusão, a partir de suas críticas e pensamentos.

Para Maria Lucia Weiss (2007), autora do livro *Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar*: “A compreensão da singularidade do filho e do aluno é que possibilitará a pais e professores a reflexão sobre como estão agindo com ele, como é importante permanecer com certas condutas que dão certo e mudar

totalmente outras que agravam a situação”.

Concordo com a fala de Maria Lucia Weiss no que diz respeito à compreensão da singularidade do filho, para os pais, e da singularidade do aluno, para os professores. A educação não é construída somente no âmbito escolar. O círculo familiar da criança diz muito sobre ela, pois é a partir dele que ela experimenta seu primeiro contato com o mundo. A escola divide toda essa construção social do ser com a família. Vejam bem: divide! Não depende somente dos professores que a criança saiba ler, escrever, ter argumentos e pensamentos críticos; tudo o que faz parte da construção social e emocional da criança deve ser equilibrado de modo que família e escola contribuam para o crescimento do saber.

Outro ponto que me preocupa muito é o quão ansiosas essas crianças são. É uma ansiedade que foge do controle. A maioria das crianças da sala não sabe esperar a sua vez. É um exercício diário que realizamos com eles, e que também esperamos que seja realizado em casa, mas não sabemos como é a educação fornecida a elas além da escola.

A falta de escuta e atenção quando precisamos explicar algo ou comunicar algum recado também incomoda. Por diversas vezes, o término de uma explicação feita com calma e clareza, de uma forma simples e voltada para a faixa etária, é seguida por “Tia, o que é para fazer?”. Fico imaginando o diálogo das crianças com os pais em casa. Será que são ouvidas? Que são ensinadas a esperarem a sua vez? Além de tudo, algumas crianças aumentam absurdamente o tom de voz e falam gritando com um amigo que está na sua frente, por exemplo. Não são todas as crianças que fazem isso, porém são casos frequentes das mesmas crianças.

Para trabalhar essas questões de comportamento, a Plataforma Eleva disponibilizou materiais para serem utilizados em prol da melhoria do aluno dentro e fora do ambiente escolar. Agora, as crianças tem “aula” de Habilidades de Vida (aprendem a ouvir, a falar, a esperar a sua vez, etc), “aula” essa que é dada apenas uma vez na semana (quando ocorre, pois é dada pela coordenadora pedagógica), dentro de sala e com material didático (uma espécie de livro, mas também são utilizados outros meios de ensino). Há um tempo, quando havia percebido a necessidade das crianças aprenderem a ouvir, a esperar a sua vez na fala, a respeitar o momento do outro e, principalmente, aprenderem a lidar com os erros e frustrações, comentei com a outra professora da turma o quanto esses alunos, que também são filhos, estão crescendo com uma ansiedade sem tamanho. Como já havia dito

anteriormente, não sabemos exatamente como são criados em casa, de que jeito, se há regras a serem seguidas ou coisa parecida. Mas, ao observá-los em sala, fica nítido o quanto são ansiosos.

Indago-me bastante sobre como a questão do erro, da ansiedade e da frustração são trabalhados em casa. Quando as crianças cometem algum erro em sala, nós, professoras, fazemos questão de tranquilizá-los e falamos que errar é humano e normal; que é a partir do erro que conseguimos alcançar nossos acertos, pois errando percebemos o que devemos deixar de fazer e, assim, construímos o caminho rumo ao que é certo. Percebi, também, que os pais são muito exigentes com os alunos em relação à nota. É claro que eles querem sempre ver seus filhos alcançando o melhor que puderem, porém, em minha opinião, devem trabalhar esse objetivo a partir de outro ponto de vista.

Seguindo o pensamento de Maria Lucia Weiss (2007) no que diz respeito às frustrações: “[...] Algumas dessas crianças também não suportam perder em qualquer tipo de jogo. Provavelmente, interiorizaram uma auto exigência muito grande e baixa resistência à frustração”.

Em sala, tenho exemplos claros. Crianças que não sabem e não admitem perder em jogos tem diversas reações: algumas choram, outras reagem com violência contra o amigo e contra si mesmo, dizem coisas absurdas para o colega, etc. Já em sala, quando erram em alguma tarefa, o mesmo que errou se intitula “burro” ou “eu não sei nada e nunca vou aprender”. Na escola, trabalhamos a frustração, o perder e o erro de forma construtiva. Para cada perda, é essencial deixar claro para a criança de que nem sempre ela irá ganhar em um jogo ou em uma competição, mas que isso também não quer dizer que ela nunca irá vencer; para o erro, que ele é necessário em nossas vidas, pois somente através dele é possível acertar; e para as frustrações, uma boa conversa de que elas fazem parte de nossas vidas e que, aos poucos, sempre ensinando, aprendemos a lidar com elas.

A turma do segundo ano é muito carinhosa e inteligente. Além do que explicamos em sala, eles trazem muitas informações que viram na televisão, que ouviram no rádio, que leram em alguma revista/jornal ou até mesmo o que foi dito pelos pais. É uma turma participativa, na qual a maioria gosta de falar, contar suas vivências, histórias, etc. Sandra, a professora regente, procura sempre utilizar assuntos trazidos pelas crianças para explicar algo relacionado à matéria, quando eles trazem bonecos e bichinhos de pelúcia, ela também

os utiliza durante a aula, deixando-a mais lúdica, dinâmica e didática. Em provas e trabalhos, utiliza os nomes das crianças nos exercícios, e elas ficam extremamente felizes em verem seus nomes sendo utilizados nos trabalhos da turma. Sempre pergunta aos alunos qual o tema que eles gostariam de ver no próximo teste ou prova (contextualizar, por exemplo, com o tema de minions, princesas, jogos que são utilizados por eles em casa, etc).

É muito importante ter esse contato com o mundo “externo” deles. O que aprendem em casa? O que ouvem? O que fazem fora do ambiente escolar? O capital cultural de cada um é diverso, isso é fato, mas é prazeroso ver o quanto contribuem para o próprio ensino com tudo o que trazem por conta a própria de modo a contribuírem para o próprio crescimento pessoal.

IV – A relação com o espaço escolar e a sala de aula

Todos nós, seres humanos, aprendemos a conviver em sociedade ao longo de nossas vidas. Compartilhamos saberes, aprendemos regras, exigimos direitos e exercemos nossos deveres. Desde criança nos conscientizam de que, para vivermos bem, devemos ter um bom relacionamento com as pessoas. E com os espaços que nos cercam não deve ser diferente.

Em nosso cotidiano, transitamos por vários espaços; porém, sem percebê-los, sem senti-los. A correria do dia a dia nos impede de apreciar por um instante aquela paisagem que vemos todos os dias e que, a olhos corriqueiros, nos parece sem graça. Mas, com um olhar mais atento, notaremos coisas antes não vistas. O espaço é um ambiente compartilhado por diversas pessoas, com culturas diferentes, saberes diversificados, gostos ecléticos, etc. Por isso, é tão importante que saibamos explorar os espaços que nos cercam.

Aqui, o foco será o espaço escolar, aquele em que as crianças convivem todos os dias. Aquele em que a escola proporciona para seus alunos e alunas. Entretanto, será que esse espaço oferecido é utilizado de tal maneira que possa proporcionar a todos que o utiliza a sensação de prazer por estar ali, de descobertas diárias e experiências de vida?

Eu, como professora assistente, estou sempre presente no momento de “lazer” das crianças (o horário do recreio, com duração de 30 minutos). Durante esse tempo, as crianças lancham e depois, correndo, se dirigem ao parquinho, no intuito de brincarem. O

parquinho possui grama sintética e uma casinha de madeira; uma parte da área é ao ar livre, com uma enorme amendoeira. Porém, a maioria das turmas precisa dividir o recreio, ficando assim, o parquinho, cheio de crianças que necessitam correr, pular, rolar no chão e gritar, pois é o único momento liberado para que isso ocorra. E que nem sempre ocorre.

Desde que comecei a trabalhar na escola em questão, me foi dito que as crianças não poderiam correr durante o recreio pelo seguinte motivo: poderiam se machucar. Cada vez que eu assistia as crianças durante esse tempo, me indagava se aquilo era uma boa ideia ou não: é claro que não era! Qual é a criança que, durante o tempo que é dedicado a brincadeiras, quer ficar sentada? Como dizer a elas que não poderiam brincar de correr, não poderiam se pendurar, não poderiam explorar esse ambiente que lhes era oferecido da maneira que elas quisessem?

Por repetidas vezes, ouvi o seguinte comentário: “Que escola chata, não pode nem correr”! E eu, mentalmente, concordava. Uma escola que priva a criança de externar suas emoções, que proíbe que crianças sejam crianças, que tenham que ficar sentadas o tempo todo, tanto dentro quanto fora de sala, não utiliza e nem oferece o espaço da maneira correta.

Para Jader Janer Moreira (2013), o contato inicial da criança com o espaço é de vivência a partir de suas brincadeiras e dos objetos que utiliza para isso. À medida que as relações com o espaço se desenvolvem, tornam-se mais complexas conforme ela amplia seu espaço de ação. E é exatamente assim que acontece. Antes detalhes não percebidos tornam-se perceptíveis à proporção que a criança vivencia e experimenta os espaços do seu dia a dia. Explorar o espaço com os sentidos é a melhor forma de percebê-lo, pois só assim notamos a textura, o cheiro, o material que foi utilizado para construí-lo, etc.

Tornar o espaço em que se vive se aprende e se compartilha prazeroso é essencial para o bem estar social. Através do espaço é que aprendemos a conviver em sociedade. Desde pequenos aprendemos a dividir os ambientes que vivemos. Seja em um parque, uma praça, em meio à natureza... nada é somente nosso, tudo deve ser preservado de modo a sempre termos um local que possamos usufruir da melhor maneira possível.

Além de observá-los durante os momentos das brincadeiras no espaço ao ar livre, estou sempre presente em sala da aula. A sala possui um espaço agradável para os 22

alunos. Dispostas enfileiradamente, as carteiras são únicas: mesa e cadeira juntas. Fazendo uma espécie de “conjunto” com a lousa, há um tablado. Por considerar a escola tradicional, acredito que o intuito de usufruir o tablado seja o de tornar o professor uma figura poderosa, detentora do saber, que fica maior ao subir no tablado e usa de sua autoridade quando preciso for. Ao final da sala há um mural, colorido e repleto de trabalhos feitos pelas crianças e suas próprias ideias.

Infelizmente, não utilizamos o espaço da sala de aula de maneira diversa. Não colocamos as crianças agrupadas ou em rodas; não permitimos que sentassem no chão para assistirem a aula de um modo diferente, de um jeito que saia daquela mesma rotina de sempre. Porém, todo esse desejo de mudança não depende somente de nós, professoras. Muitas vezes o diferente é visto como errado. Em um método tradicional de ensino, o que não está entre os padrões ditos “normais” causa estranhamento, aversão, negação.

Sendo assim, certas vezes pensei no que aconteceria se mudássemos um pouco a rotina. Sandra, a professora regente, libera sempre a turma 10 minutos antes do horário correto do recreio. E eles adoram! Claro que, uma vez ou outra, quando a turma não está com um bom comportamento, ela deixa para liberá-los na hora correta; porém, fora isso, queremos sempre o melhor para eles e oferecemos um tempinho extra para que tenham mais tempo para a diversão. O mesmo ocorre com o horário da saída: sempre terminamos a aula um pouco antes para que possam comer algo (o horário do lanche é muito cedo e, conforme a hora avança, sentem fome), brincar e conversar.

Tendo por base a tentativa de mudança na rotina dos alunos ou, pelo menos, uma pequena mudança, pensei no que poderia fazer para tornar o momento do recreio mais prazeroso. Sendo o contato com a natureza de extrema importância, sendo ele feito por meio das brincadeiras, sugeri às crianças que, nos dias de Sol, se sentassem na grama para brincar, conversar e, como objetivo principal, sentirem o contato do Sol além da praia e da piscina. Que conseguissem sair daquela rotina fixa sem medo. E o resultado foi ótimo! Uma aluna me confessou: “Tia, eu adorei lanche aqui na grama e pegando Sol, farei isso mais vezes!”. E a “tia”, extremamente feliz, sorriu por fora e, principalmente, por dentro.

Outro caso de saída da rotina ocorreu no mesmo dia. Ao invés de sentarem no

mesmo lugar de sempre, próximo à cantina e coberto, sentaram embaixo da amendoeira, ao ar livre, lugar que não costumam sentar para lanchar. Vi a cena e deixei, pois meu desejo era o de troca de rotina, mesmo que essa troca fosse momentânea. Um aluno se dirigiu a mim e disse: “Tia, você não vai brigar com a gente não?!”. E a minha resposta foi: “Não tem por que brigar, esse é um espaço da escola e vocês devem utilizá-lo de outras maneiras também”.

Incomoda-me muito o fato de cada espaço ter a sua utilização “correta” e não poder ser mudado. É evidente que toda instituição tem suas regras a ser seguida e respeitada, a fim de tornar o ambiente mais organizado e propício a atividades e até mesmo a preservação do lugar. Entretanto, acredito que a mudança de rotina, mesmo não sendo de enorme proporção, torna o ser humano mais liberto, aguça a criatividade e faz com que consiga enxergar o mundo com outros olhos.

Toda mudança, a princípio, causa estranhamento. Porém, ao mudarmos, conseguimos perceber e observar o mundo através de outras interpretações. É necessário que saíamos da rotina; a princípio, a rotina serve para que possamos nos organizar em relação a diversas áreas de nossa vida. Entretanto, mudá-la de vez em quando nos transmite a ideia de que continuaremos a ter uma rotina e a fazermos o que estávamos acostumados, todavia de um modo diferente e até mesmo mais prazeroso.

Este capítulo teve, por objetivo, relatar a relação entre as crianças e o espaço escolar. Como cada uma usufrui desse espaço, como a escola oferece esse espaço para a sua utilização e, sobretudo, como o espaço desenvolve a criança e faz com que ela aprenda através de tudo o que entra em contato no ambiente em que vive.

V – Experiência e aprendizado pessoal

“Na ausência do outro, o homem não se constrói homem”. A partir da fala de Vygotsky, psicólogo e pensador que muito contribuiu para os estudos da Pedagogia, inicio este capítulo sobre minha experiência e aprendizado, mediante o meu papel de professora assistente de turmas do Fundamental I, do quarto e segundo ano.

Vygotsky prezava muito a construção social do ser. Visto isso, com base em seus pensamentos, originou-se o Socioconstrutivismo, que resulta da socialização dos seres

humanos a fim de desenvolverem suas relações pessoais e crescimento diante da sociedade em que vivem. Dito isso, posso afirmar que a socialização com o outro faz total diferença em relação ao crescimento social e pessoal. A partir da interação, contribuímos para o progresso do outro, assim como o outro contribui para o nosso progresso pessoal.

É mediante ao coletivo que percebemos o quanto somos capazes de aprender com alguém: a partir de brincadeiras, conversas, esclarecimentos, informações, etc. No ambiente escolar não é diferente, e não é somente o aluno que aprende com o professor: além dessa “hierarquia”, no qual o professor recebe a função de “detentor do saber”, os alunos também podem – e devem - serem considerados “detentores do saber”. Contribuem muito para as aulas trazendo informações de casa, notícias que viram em jornais, assuntos conversados com os pais para esclarecimentos de dúvidas. É importantíssimo que sejam ouvidos em sala, pois é a partir do ouvir que o outro percebe que está sendo compreendido e que a sua fala tem valor para a construção de uma sociedade que se importa com o próximo e que partilha opiniões e saberes.

Outro conceito de Vygotsky que muito colaborou para o esclarecimento do aprendizado foi a “Zona de Desenvolvimento Proximal”. Esse conceito foi construído a partir dos saberes reais das crianças e aquilo que ainda não sabem, sendo sempre mediadas por um adulto; no caso escolar, o mediador é o professor, que faz uma ligação entre os conhecimentos que o aluno detém e os conhecimentos que ainda não detém, estabelecendo relações de esclarecimento para um bom entendimento.

Apoiada nesse conceito foi possível observar no dia a dia, o quanto o professor é importante para a formação humana. Mesmo não tendo o seu valor devidamente reconhecido, nós temos uma das mais importantes funções -quicá a mais- do mundo: a de ensinar. Não falo de transferência de conteúdos ou ensinamento de matérias; falo da construção do ser a partir de valores e pensamento crítico. Mais do que tirar notas altas em provas e testes que avaliam o estudante por meio da nota, o que, em minha opinião, não avalia o nível de conhecimento geral e sim momentâneo, perceber que aquelas crianças que você tem contato todo dia estão crescendo e tirando suas próprias conclusões de mundo a partir de tudo o que foi conversado, observado, vivido e expandindo seu pensamento crítico é profundamente gratificante.

As experiências ocorrem a partir do contato com o outro, a partir da socialização, da partilha de informações e, principalmente, da vivência e observação. Em dois anos como professora assistente, ensinei, mas talvez tenha aprendido o dobro. Pude observar, de perto, como se dá a relação da criança com o ambiente e com os amigos; como são capazes de lidar com situações de briga ou discussão (deixava que tentassem resolver os problemas sozinhos; caso não conseguissem, chamava-os para conversar). Alguns não são capazes de lidar com frustrações, o que acho preocupante, pois isso deveria ser trabalhado em casa, juntamente com a família e, assim, daríamos o suporte necessário na escola. Constatei, também, que infelizmente alguns pais não “andam” juntos com a escola. Em diversos momentos percebi o quanto tive de ser responsável por situações em que uma conversa em casa, com a família, poderia ajudar em nosso trabalho no ambiente escolar.

Ter trabalhado com duas turmas de anos diferentes fez com que eu concluísse que não há como uma classe ser considerada homogênea; em uma mesma turma sempre haverá crianças diferentes, cada uma com sua história, cada uma com seu capital cultural, cada uma com seu jeito de ser.

A ideia de que todos os alunos de uma mesma turma devem caminhar iguais por estarem no mesmo ano e por estarem aprendendo as mesmas coisas deve ser deixada para trás. Deve-se respeitar o tempo do aluno, o jeito como ele assimila e aprende; deve-se levar em conta que, cada um com o seu jeito de ser, aprende de uma maneira, e isso deve ser respeitado. Não há motivo para a aceleração do aprendizado se etapas anteriores ainda não foram concluídas: necessita-se que o aluno saiba o essencial para que aquele ano seja concluído. É construtivo que saiba, por exemplo, alguma matéria relativa ao próximo ano; porém, isso não deve preocupá-lo e nem deve existir a obrigação de que saiba sobre ela antes mesmo do tempo certo.

Experiências são essenciais para que possamos construir e desconstruir ideias, formar opiniões a partir do que foi vivenciado e, principalmente, aprender com o que foi vivido. Todos nós passamos por experiências em todas as fases de nossa vida: da infância até a velhice. Cada fase requer vivências singulares, mas cada uma colabora para que possamos nos constituir seres ativos na sociedade em que vivemos e convivemos.

Aqui, nesse capítulo, tive o prazer de transmitir um pouco do que vivi durante

dois anos. Aprender no dia a dia, principalmente com crianças, é extremamente prazeroso; tudo o que elas têm a nos oferecer e apresentar e a devolução que dão a nós, professores, em relação a tudo o que lhes foi ensinado, nos dá a sensação de, além de dever cumprido, de que esta criança se prepara, aos poucos, para o mundo. Desde que uma criança nasce ela já faz parte da sociedade que a rodeia; porém, ao passar dos anos, se prepara cada vez mais para atuar diante dela. Que as crianças desse mundo continuem assim: surpreendendo-nos e ensinando-nos.

Considerações Finais

Significado de Experiência

Na teoria, a experiência significa o aprendizado obtido por meio da prática ou vivência de algo. Por meio da experiência é possível conhecermos o mundo ao nosso redor: pessoas, animais, sensações, objetos, etc. Todos nós, ao longo de nossa existência, passamos e passaremos por diversos tipos de experiência, seja ela positiva ou negativa, podendo afirmar que qualquer tipo de experiência é válido para a construção do ser.

Sendo a minha experiência como professora assistente construída a partir de minhas observações, conversas, práticas e vivência no âmbito escolar, sendo vivenciadas com as crianças as quais tive contato durante os anos de 2015 e 2016. Mais do que ensiná-las, no dia a dia tive a certeza de que crianças são seres pensantes que constroem seus pensamentos e tiram suas próprias conclusões a partir de suas vivências e contato com o outro.

Para Sonia Kramer, autora do artigo “Infância e criança de seis anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental”, as crianças são geradoras de cultura através da socialização. Suas consciências sociais se formam com as brincadeiras, observações, experiências, dúvidas, entre outras coisas. Afirma, também, que o progresso cultural da criança engloba construir seu trajeto pessoal com início no âmbito social.

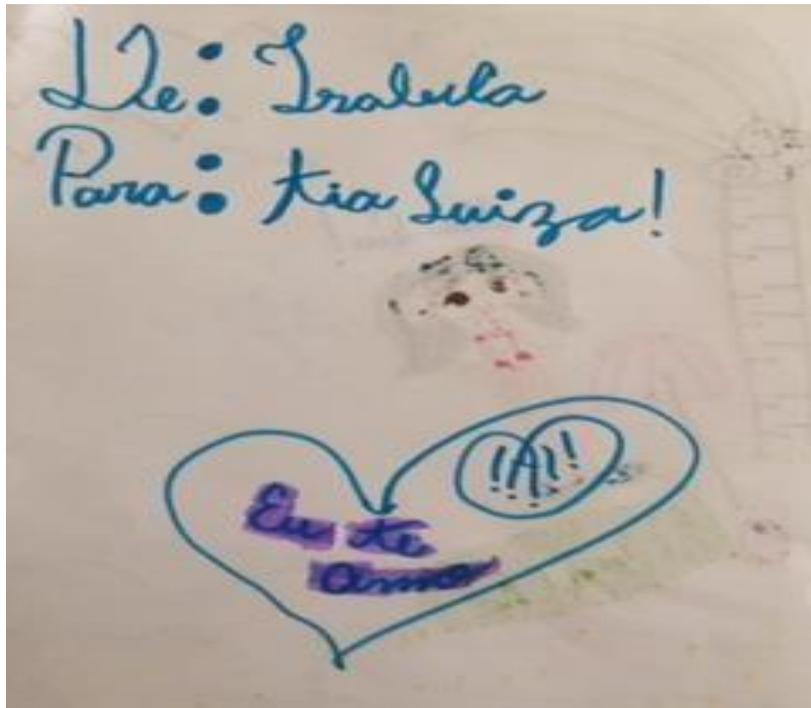
Ao observá-las dentro e fora de sala, durante a produção de tarefas e durante as brincadeiras, percebi que muito do que ouvem e vêem são colocados em prática tanto para responder a perguntas quanto no momento do brincar. Mesmo não sabendo exatamente o que estavam fazendo ou falando, reproduziam a fala dos pais, a conduta, algo ouvido de um adulto, etc. Tudo isso devido a observações e experiências que tiveram, através da socialização por meio de uma brincadeira ou conversa, etc.

Um autor muito importante que contribuiu para a elaboração deste trabalho de conclusão de curso foi o professor Jorge Larrosa. Larrosa (2002) afirma que “a experiência nos forma e nos transforma, o sujeito vivenciador das coisas novas deve estar aberto às transformações que serão decorrentes de sua experiência”. Compartilho de sua afirmação, pois ao nos colocarmos em situação de experiência, devemos estar cientes de que muitas coisas se transformarão e serão vistas de outra maneira, maneira essa que não era possível antes devido à falta da vivência e da observação.

A experiência é essencial para que possamos entrar em contato com o novo, com o que ainda não foi aprendido. Para mim, a melhor forma de aprender, até hoje, não foi através dos livros e cadernos; a melhor forma de aprendizado foi através da minha experiência com crianças. Elas fizeram com que cada vivência fosse única, tornando meu dia a dia mais significativo com a presença delas. A educação é o bem mais precioso que levamos dessa vida, e o amor de um aluno e de uma criança, também. São sujeitos que se constituem através do exemplo dos familiares, professores e de pessoas que por sua vida passam durante a fase da infância. Elas merecem todo o meu amor e gratidão.

ANEXO A

Desenhos feitos pelas crianças, para mim.





Referências Bibliográficas

- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARBOSA, M. C. **Rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BERBAT, M. C.; VIDAL, A. F.; GOMES, V. M. **Pororoca de saberes: por entre crianças, infâncias e modos de ver e viver o espaço geográfico**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, v. 5, p. 87-102, 2015.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Secretaria de Educação Básica. Brasília – MEC: SEB, 2013.
- CAMARGO, D. M. P; COSTA, R. F. **Universidade e formação de professores: violência, currículo e construção da cidadania na escola**. In: LUCENA, C. T; GUSMÃO, N. M. M.(Orgs.) *Discutindo identidades*. São Paulo: Humanitas/CERU, 2006.
- LOPES, J. J. M.; MELLO, M. B. (Org.) **O jeito que nós crianças pensamos sobre certas coisas: dialogando com lógicas infantis**. Rio de Janeiro: Rovellet, 2009.
- LOPES, J. J. M. **O Menino de Colecionava Lugares**. Porto Alegre: Mediação, 2013.
- LOPES, J. J. M. **Geografia da Infância: Contribuições aos Estudos das Crianças e suas Infâncias**. Revista Educação Pública, Cuiabá, v. 22, nº 49/1, p. 283-294, maio/ago. 2013.
- MEDEIROS, A. B. **Crianças e Narrativas: modos de lembrar e de compreender o tempo na infância**. Cad. CEDES, Campinas, v. 30, nº 82, pp. 325-338, set-dez, 2010.
- LARROSA, J. B. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas. Revista Brasileira de Educação, n19, 2002.
- KRAMER, S; NUNES, M. F. R; CORSINO, P. **Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.1, 220p. 69-85, jan./abr. 2011.
- WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Editora Lamparina, 2007.